

Corumbá e o banho de São João: História e Cultura

Esta cartilha é resultado do projeto de pesquisa "O Banho de São João: uma análise do patrimônio imaterial e a produção de material didático para o fomento da história de Corumbá", que foi apoiada pela Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (Fundect), através do Programa de Iniciação Científica e Tecnológica do Estado de Mato Grosso do Sul (Pictec-2022) e pelo Núcleo de Estudos de Inovação Social da Fronteira (NEISF), laboratório de pesquisa da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal.

O objetivo do Pictec é apoiar a disseminação do aprendizado do método científico e de outros conceitos fundamentais para a produção do conhecimento científico e tecnológico no ensino médio de Mato Grosso do Sul, através da oferta de bolsas de iniciação científica para estudantes e de bolsas para os professores(as)/coordenadores(as) dos projetos aprovados.

Esse projeto começa com uma constatação: apesar da sua grandiosidade e de o banho de São João de Corumbá ter se tornado Patrimônio Histórico Imaterial, ao indagar alunos e alunas sobre o conhecimento dessa manifestação cultural, verificou-se que eles e elas desconhecem a história, não sabem por que isso ocorre anualmente, enxergam o período apenas como festa ou, de acordo com alguns relatos, se quer gostam dessa manifestação. Isso tudo é preocupante, afinal, para salvaguardar o São João enquanto patrimônio e até explorá-lo através do turismo, temos, como condição obrigatória, que manter acesa sua tradição – fortalecer o seu conhecimento e a sua identidade no território – e isso demanda o seu ensino na escola, para além dos momentos já bem trabalhados do festejo, tais como organizar um arraial de São João, prática comum nas escolas corumbaense.

Dessa constatação, o incômodo surgiu quando se verificou a inexistência de materiais didáticos para trabalhar o São João de Corumbá em sala de aula, tendo apenas algumas cartilhas com foco em potencializar o turismo e alguns artigos científicos e dissertações, que não possuem uma linguagem de fácil aplicação para ser trabalhado em sala de aula.

Assim, o fomento do Pictec permitiu elaborarmos essa cartilha, que surge como um material didático para auxiliar docentes em sala de aula no período de São João e para fortalecer a cultura de Corumbá, afinal, reconhecer a sua cultura e a sua memória é um mecanismo para que o discente e a discente criem laços identitários com o território, tornando-os cidadãos e cidadãs mais ativos, sensíveis e conscientes da importância de suas raízes para preservação de sua história.

Apoio:



Coleção Neisf Educacional

CORUMBÁ E O BANHO DE SÃO JOÃO

História e Cultura



Douglas Voks
Guilherme Cunha
Leonardo Cuellar



© Coleção Neisf Educacional, 2023

Projeto Gráfico e Coordenação Editorial: Douglas Voks

Diagramação: Imaginar o Brasil Editora

Apoio Editorial:

Bolsistas: Guilherme Cunha e Leonardo Cuellar

Ilustrações: Hemilly Ariane Moreira (@ilustra_hemilly)

Revisão: Anderson Luís do Espírito Santo e Vivian Veiga da Silva

Imaginar o Brasil Editora
Florianópolis – SC – Brasil
www.imaginarbrasileditora.com
imaginarobrasil@gmail.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Voks, Douglas

Corumbá e o banho de São João [livro eletrônico] :
história e cultura / Douglas Voks, Guilherme Cunha,
Leonardo Cuellar. -- 1. ed. -- Florianópolis, SC :
Imaginar o Brasil Editora, 2023. -- (Coleção Neisf
educacional)

PDF

Bibliografia

ISBN 978-65-992964-6-8

1. Corumbá (MS) - Aspectos culturais 2. Corumbá
(MS) - História 3. Corumbá (MS) - Usos e costumes
4. Patrimônio imaterial - Corumbá (MS) I. Cunha,
Guilherme. II. Cuellar, Leonardo. III. Título
IV. Série.

23-152746

CDD-981.71

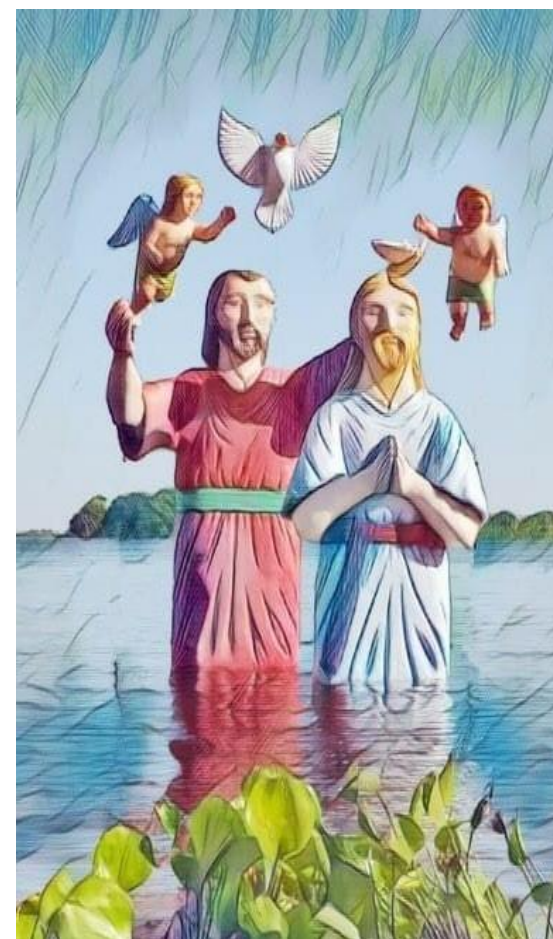
Índices para catálogo sistemático:

1. Corumbá : Mato Grosso do Sul : Estado : História
981.71

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

É permitida a reprodução e a aplicação desse material em sala de aula e em outros espaços educacionais e culturais, desde que devidamente referenciada a autoria. Proibida a comercialização. Para mais, contate: <https://obisfron.com.br/contato/>

*“Se São João soubesse,
que hoje era o seu dia.
Descia do céu à terra
com prazer e alegria.
Descia do céu à terra
com prazer e alegria.
João batizou Cristo,
Cristo batizou João.
Ambos foram batizados
no rio de Jordão.
Ambos foram batizados
no rio de Jordão”.¹*



Encenação de João batizando Cristo nas águas do rio Paraguai

¹ Cantiga entoada na Ladeira Cunha e Cruz (Corumbá/MS), durante a descida dos andores, acompanhada de uma banda que alterna entonações sacras e carnavalescas.

O banho de São João em Corumbá

O banho de São João é uma festividade religiosa que ocorre no município de Corumbá (Mato Grosso do Sul), na virada do dia 23 para 24 de junho, data que celebra o dia de João Batista, profeta que utilizava o batismo como símbolo de purificação da alma e tem, como uma de suas práticas, a descida da Ladeira Cunha e Cruz com o andor para banhar a imagem do Santo na prainha, à margem direita do rio Paraguai.

Cultura é a maneira própria de existir, pensar e agir de cada sociedade, se manifestando de maneira material (comidas, roupas, utensílios, arte etc.) e de maneira imaterial (hábitos, costumes, linguagens, crenças, religiões, conhecimentos etc.). A elaboração da cultura permite ao ser humano habitar o mundo e compreender o mundo.

Celebrado há mais de 100 anos, essa manifestação **cultural** conquistou expressividade nos últimos anos, principalmente após 2021, quando foi reconhecida como um **Patrimônio Histórico Imaterial** de Corumbá. No entanto, a sua história e a sua origem nos remetem a um passado bem distante que se entrelaça com a própria história de Corumbá. É isso que relatamos a seguir.

Patrimônio Histórico Imaterial é tudo aquilo que não podemos tocar, mas que marca a história ou identidade de um local ou povo. Isso significa que ele diz respeito às práticas que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações, tradições, folclore; formas de expressão musicais ou lúdicas.



Figura 1- Foto do banho de São João Batista no rio Paraguai.
Foto extraída do jornal Diário Corumbaense, 2015.

Corumbá e sua História

Corumbá está localizada na fronteira oeste do Brasil com a Bolívia, na margem direita do rio Paraguai. Foi fundada em 1778, como um vilarejo para delimitar e assegurar parte dos territórios portugueses na capitania do Mato Grosso. Sua principal função era a de expandir e proteger as fronteiras do Brasil, sobretudo contra os invasores espanhóis. Devido à sua localização estratégica, que por muito tempo a configurou como entreposto da capital Cuiabá, e a sua importância comercial, em 1850 foi elevada à categoria de município (SENA, 2012). Essas características, somada ao fato de estar localizada na fronteira, permitiu a entrada de diferentes grupos de imigrante.

Corumbá foi se formando por uma multiplicidade étnica, que marcou as suas relações sociais e culturais, a qual se acentuou após a **Guerra da Tríplice Aliança**, pois, nesse momento, o município passou por um acelerado crescimento econômico, o que fez com que diversas pessoas vindas de outras regiões do Brasil e de outros países se estabelecessem em Corumbá, todas elas trazendo consigo suas tradições, religiosidades e costumes que marcaram profundamente a cultura local.

Dessa diversidade étnica, uma grande contribuição cultural vem das populações negras. Em 1800, Mato Grosso possuía uma população de 25.821 pessoas, das quais, 16,42% eram de população branca e o restante de pretos e pardos, escravos ou livres. Além disso, o fim da Guerra da Tríplice Aliança, em 1870, propiciou a entrada de novos fluxos de população negra para o Pantanal. Escravos que combateram na guerra em troca da liberdade ao final do conflito, permaneceram, em muitos casos, nas cidades de Corumbá e Ladário, e aí estabeleceram morada e constituíram família. O declínio das minas de metais preciosos de Mato Grosso, que já havia dispersado significativo contingente de mão de obra cativa para fazendas e cidades da região no momento do pós-guerra, também contribuiu para ampliar o fluxo desses trabalhadores que, na condição de escravos, vieram trabalhar na abertura de fazendas de gado na porção centro-sul do Pantanal (BANDUCCI, 2007).

A **Guerra da Tríplice Aliança** foi um conflito armado que ocorreu entre 1864 a 1870, no qual os países que formavam esse agrupamento (Brasil, Argentina e Uruguai) lutaram contra o Paraguai. Nessa disputa, Corumbá acabou sendo diretamente afetada. Primeiro, porque o seu desenvolvimento econômico estava atrelado ao rio Paraguai, sendo um importante entreposto comercial na rota de navegação que ligava Cuiabá (capital da província do Mato Grosso), com o restante do país. No decorrer da guerra, essa rota ficou bloqueada, fazendo com que Corumbá passasse por uma grande crise devido a sua principal atividade econômica, o comércio, ter diminuído significativamente. Segundo, porque entre os anos de 1865 e 1867, Corumbá foi tomada e ficou sob controle das tropas paraguaias, até a sua retomada pelo governo brasileiro em 13 de junho de 1867.

Dentre as várias contribuições culturais da população negra, uma das que mais se destaca é a religiosa, afinal, as culturas africanas que aportaram no Brasil com a escravidão trouxeram consigo referências bastante diversas, como os cultos aos **Orixás**, aos **Voduns** e aos **Inkices**.

No Brasil, essa manifestação estabeleceu diálogo direto com o cristianismo e com as religiões dos povos nativos, que resultou nas religiões afro-brasileiras ou afrodescendentes, promovendo um **Sincretismo Religioso**.

Orixás, Voduns e Inkices são divindades personificadas com elementos da natureza das religiões de matriz Africana.

Sincretismo pode ser compreendido como a fusão de diferentes cultos ou doutrinas religiosas, com a reinterpretação de seus elementos. Dentro das senzalas, durante o período da Escravatura no Brasil, era proibido o culto a qualquer ritual que não fosse o católico. Assim, para poderem cultuar os seus Orixás, Inkices e Voduns, os negros foram obrigados a usar como camuflagem altares com as imagens de santos católicos, cujas características melhor correspondiam às suas Divindades Africanas. Era debaixo desses altares que eles escondiam os assentamentos dos Orixás, dando assim origem ao chamado sincretismo. Mesmo usando imagens e crucifixos, os seus cultos e rituais inspiravam perseguições por parte das autoridades e pela Igreja Católica, que viam as manifestações religiosas africanas como rituais de bruxaria.

O final da guerra trouxe também um grande aumento populacional para Corumbá, que passou a receber várias levas de imigrantes. Em 1876, por exemplo, foram 1.276 estrangeiros que chegaram à cidade, vindos do Paraguai, Itália, Argentina, Espanha, França, Alemanha, Inglaterra, Chile, Suíça, Portugal, Grécia, Áustria, México, Prússia, além de indivíduos oriundos do continente africano e asiático. Grande maioria desses imigrantes veio através de navegação fluvial, já que no momento esse era o meio de transporte mais veloz para chegar à Província. Entre o total de imigrantes que ingressaram em 1876, a superioridade era o de paraguaios e isso é resultado dos problemas econômicos que o Paraguai passava após a derrota na guerra. (SOUZA, 2004). Porém, o cenário econômico de Corumbá não era dos melhores. As atividades comerciais voltavam a se reestabelecer lentamente e havia um amplo abandono da região pela administração imperial.

Em toda essa conjuntura, não se sabe ao certo quando se iniciam as festividades do banho de São João em Corumbá. Durante o período colonial, os jesuítas realizavam festividades em homenagem a **João Batista** e, nesse mesmo período, as populações nativas realizavam rituais de purificação no rio Paraguai. Provavelmente a devoção ao santo se misturou com as tradições indígenas, razão pela qual se passou a dar o banho no São João nas águas do rio Paraguai, tendo um significado de purificação e renovação. Porém, é a partir do fim da Guerra da Tríplice Aliança o momento mais provável que essa festividade tenha se popularizado, visto que a cidade passava por um crescimento populacional e econômico, os quais possibilitaram novas dinâmicas sociais e culturais.

Foi só a partir de 1889, com o advento da República, que trazia consigo a ideia de progresso e de uma nova sociedade, que Corumbá passou a experimentar ciclos de desenvolvimento e crescimento econômicos que lhe garantiram lugar de destaque no cenário regional e internacional. É nesse período, por exemplo, que se iniciaram as atividades industriais na região, com implantação de charqueadas no curso do rio Paraguai e com o ciclo da erva-mate no Sul do estado.

João Batista foi o homem que, de certa forma, abriu as portas para a missão de Jesus. Pregador itinerante nascido na Judeia, ele se tornou líder religioso de um grupo de judeus da época, exaltando a importância de valores como retidão e da prática da virtude. No intuito de purificar as almas, lançava mão do batismo — realizado em cursos d'água, em cerimônias epifânicas. O batismo não foi uma invenção de João, pois já era praticado na época. A novidade trazida por ele foi o fato de que ele não restringia a participação aos judeus, permitindo também que o ritual servisse para a conversão dos considerados pagãos — e isso motivou polêmicas em seu meio (VEIGA, 2022).

Para estimular o desenvolvimento econômico e a ocupação desse território, o governo republicano promoveu políticas de isenção fiscal para o comércio praticado em Mato Grosso, visando atrair mais indústrias. Isso se somava ao fortalecimento econômico dos principais países industrializados europeus, que passavam por amplo desenvolvimento decorrente da segunda revolução industrial e, com isso, buscavam por novos mercados consumidores, voltando-se especialmente para os países sul-americanos. Com isso, Corumbá acabou sendo beneficiada com investimentos estrangeiros que, na passagem do século XIX para o século XX, começaram a investir de forma significativa no setor industrial e mercantil de todo estado, tendo Corumbá como polo centralizador das atividades econômicas (QUEIROZ, 2008).



É nesse contexto que os fluxos migratórios, sobretudo os internacionais, vão se intensificar e fomentar a atividade comercial de Corumbá, que teve a sua área portuária desenvolvida. Entre 1880 e 1910, a cidade passou a abrigar mais de vinte nacionalidades. Tais fluxos eram compostos por europeus vindos de Portugal, Espanha, Itália, Alemanha, França, Macedônia, Inglaterra, Síria, Líbano, Turquia, México e países do próprio continente, como da Argentina, Paraguai, Bolívia, Chile e Uruguai (OLIVEIRA; JUNQUEIRA, 2016).

E você, conhecia essa parte da história de Corumbá? Isso foi fundamental para o “choque cultural” que tão bem ilustra a nossa cidade. Abaixo, são apresentadas algumas imagens que ilustram esse momento de expansão econômica e a conseqüente chegada dos imigrantes.



Figura 2- Embarcações no Porto Geral de Corumbá. (Foto extraída do arquivo do Museu Nacional)

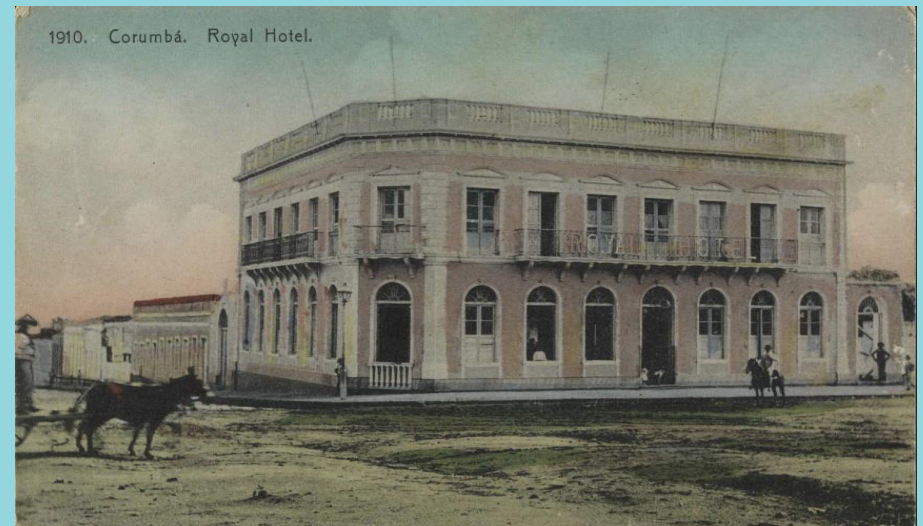


Figura 4 - Foto do centro de Corumbá, esquina das ruas Quinze de Novembro com Treze de Junho. Foto extraída do arquivo do Museu Nacional



Figura 3- Vista do Porto Geral de Corumbá. Foto extraída do arquivo do Museu Nacional



Figura 5- Foto da Ladeira José Bonifácio. Foto extraída do arquivo do Museu Nacional

O Banho de São João e seus significados

O Banho de São João de Corumbá possui uma série de rituais. Os preparativos se iniciam com os cuidados dedicados ao Santo nas casas dos festeiros, incluindo a realização de novenas, confecção e decoração de altares e andores, oferta de alimentos, rezas e terços, giras em terreiros, levantamento de mastros, queima de fogueiras, oferendas, procissões com andores, entre outros. No momento da festa, os devotos costumam rezar o terço, puxado por rezadores experientes, tanto nas festas católicas quanto nas de matriz afro-brasileira. Em seguida, o **mastro** com a bandeira de São João é erguidodiante das casas e a fogueira é acesa.



No dia 23/6 é erguido o **mastro**, e ele só é baixado no dia 29/6, dia de São Pedro. Segundo o festeiro Alfredo Ferraz, "quando São João nasceu, Izabel, que era prima de Maria, da Virgem Maria mãe de Jesus, elas combinaram que, como ela morava na região do deserto da Judéia, assim que João nascesse mandaria fazer uma fogueira e erguer um tronco de uma árvore com uma bandeira, simbolizando o nascimento de João. Aí, quando João nasceu, Zacarias, pai de João, preparou uma fogueira bem grande e ergueu um tronco de uma árvore com uma bandeira sinalizando o nascimento de seu filho. Por isso na festa não pode faltar o mastro, porque o mastro simboliza o nascimento de São João, simboliza que naquela casa, naquela família, celebra-se o dia de São João Batista" (IPHAN, 2019).



Mastro de São João

Na sequência, o **andor** é retirado do altar e conduzido pelos adultos para fora do ambiente privado, contorna por três vezes o mastro, com rezas e cantorias, e, em seguida, é conduzido em procissão em direção ao rio Paraguai. Durante o trajeto, os participantes do cortejo cantam ladainhas, dão vivas e gritos em homenagem ao santo (IPHAN, 2019).



Andor do Santo

Na descida da Ladeira até o Porto Geral os andores são saudados e acompanhados por pequenas bandas de músicos para executar o tradicional hino de São João. O ritual conta também com a presença dos cururueiros, músicos que entoam os tradicionais cantos e ritmos das festas da região, o **cururu** e o **siriri**, com suas violas de cocho, confeccionadas em madeira inteiriça, esculpida e escavada em formato de viola. No passado o número de cururueiros presentes na festividade era muito grande, já no tempo presente eles se fazem em menor número (IPHAN, 2019). Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan (2019), o ritual do Banho de São João é um momento de adoração, de gratidão por graças alcançadas, de renovação de promessas, da fé, da amizade e carinho com o santo.

Cururu é uma musicalidade e Siriri é uma dança com origem indígena, muito presente nas regiões interioranas e ribeirinhas dos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.



Viola de Cocho

Da mesma forma, é o momento em que os festeiros e as festeiras demonstram, não apenas ao santo, mas para toda coletividade, a dimensão de sua fé e de sua devoção. Os festeiros e as festeiras entram com os andores no rio, seguidos por devotos e devotas, e fazem orações ao santo, realizam seus pedidos, agradecem os favores, renovam suas alianças e clamam por saúde, para si e para os familiares.

O banho de São João de Corumbá é uma grande festividade coletiva, composta por dezenas de núcleos familiares. Até 2022, mais de 80 famílias² são registradas oficialmente como *festeiros* – denominação dada à pessoa responsável por abrir a sua casa para as celebrações religiosas e festivas para São João Batista.



²Esses números se referem aos cadastrados na Prefeitura Municipal de Corumbá e que recebem auxílio. Contudo, o número pode ser bem maior.

Mas, o mês de junho não é um momento de adoração apenas a São João (24 de junho). Cidade religiosa, Corumbá também cultua Santo Antônio (13 de junho) e São Pedro (29 de junho), que possuem suas comemorações e seus andores específicos. Mas nem todas as famílias festeiras participam das três celebrações. Isso varia e, na maior parte, é cultuado pelas comunidades, caso de São Pedro, que é intensamente louvado pela comunidade que vive no bairro Beira Rio.

Veremos, nas próximas páginas, que o banho de São João de Corumbá é uma festa geracional, pois as tradições são passadas dentro das famílias por várias gerações. O **festeiro** ou a **festeira** é uma liderança, que pode herdar esse posto ou se oferecer para assumir tal posição dentro da sua família. Isso geralmente ocorre quando alguém busca pagar uma promessa alcançada. Também ocorre dessa liderança ser passada para outro familiar (o sucessor) que é preparada pela liderança atual(antecessor).

Esse é o caso do festeiro Pedro Paulo Miranda. Em sua família, a festividade se iniciou há 58 anos (1965), quando sua mãe fez uma promessa para São João Batista salvar a vida do seu filho que estava à beira da morte. Segundo Pedro, *"a simbologia da festa do banho de São João para nós como festeiros é muito profunda. Tem vários segmentos, no meu caso, da minha comunidade, a festa até hoje é realizada devido a uma graça alcançada. Tem gente que faz por devoção ou por fé, mas muitos fazem por graça alcançada"*. Nas palavras de Pedro, fica evidente também o espírito coletivo e comunitário da devoção ao santo, pois, para muitos, a festividade não é mais apenas algo familiar, envolve também toda uma comunidade.

Na cartilha utilizamos os termos festeiros e festeiras para destacarmos a importância da participação das mulheres nos festejos do Banho de São João. Olhando o cadastro de festeiros, é possível observar que 70% são mulheres. Portanto, é fundamental dar visibilidade para a contribuição feminina na construção e na preservação dessa manifestação cultural.

A carta ao seguir narra, nas palavras de Pedro, como funciona a organização do banho de São João. Nesse caso, vemos que as decisões começam logo após o festejo de São Pedro (29 de junho), ocasião em que são definidas as tarefas e elencadas as pessoas que participarão no próximo ano.

Arraial da Família Miranda

A celebração ganhou proporções comunitárias e, hoje, não se restringe apenas a família Fulano, incorpora também outros personagens do bairro. Isso demonstra o comportamento coletivo em torno dessa celebração e a importância para essas famílias.

Na noite de São João, a gente tem a parte religiosa, que é a reza, o acendimento da fogueira, erguemos o mastro com a bandeira de São João, e só depois vamos para o rio Paraguai. Corumbá, talvez, seja uma das poucas cidades que tem como um dos pontos altos da festa o banho de São João, no rio Paraguai. Na noite do dia 23 de junho a cidade fica em procissão. E o momento de levar o andor com a imagem de São João para o rio Paraguai, simbolizando o batismo, como foi o batismo de São João em Cristo e de Cristo em João, nas águas do rio Jordão.

E aí, como que a gente se organizava, né? Como a tradição começou entre a família e entre os integrantes do Centro Espírita que frequentávamos, era feito um sorteio. Depois de a gente arriar o mastro na noite de São Pedro, pegávamos dois chapéus de palha, num chapéu colocávamos o nome das pessoas e no outro as funções. "Dona Maria, a senhora ano que vem vai trazer 5 litros de licor" - então ela já sabia que no próximo ano ela levaria o licor. "Senhor João vai trazer uma caixa de fogos", que São João sem foguetórios não tem graça né?

Assim, íamos dividindo as tarefas e sorteando as funções: a rainha do ramallete (trazer as flores que enfeitam o andor), a rainha da coroa (ornamentar a coroa), o capitão do mastro (responsável por pintar e ornamentar o mastro). O mastro é um dos símbolos da festa de São João. Nele vai a coroa e a bandeira com a imagem do santo. Normalmente nas cores vermelho e branco, que significa vida (vermelho) e paz (branco).

Então era feito todo esse sorteio. As pessoas já levavam pra casa até o papelzinho de qual era a sua responsabilidade. E assim foi por muitos anos. Mas, a partir do momento que a festa cresceu muito, a gente já não realiza o sorteio só dentro do nosso quintal, ou direcionado a família, ou aos participantes lá do Centro Espírita. Hoje, ela já foi pra rua, então a gente organiza de uma forma diferente. Fico eu como o responsável, e o meu filho e a minha esposa lideram os demais, que ajudam na organização. Além do andor e do mastro, temos a confecção das bandeirolas, e ali como a comunidade já percebeu que a festa foi pra rua, é de todos. Hoje, graças a Deus já temos membros que moram ali na comunidade que já se prontificam da bandeirola, outro pergunta se está precisando de lâmpadas e assim a gente vai - cada um vai somando o esforço e preparando a festa do próximo ano. A celebração ganhou proporções comunitárias e, hoje, não se restringe apenas a família Fulano, incorpora também outros personagens do bairro. Isso demonstra o comportamento coletivo em torno dessa celebração e a importância para essas famílias.

Assim, as comemorações e os rituais religiosos transcendem os espaços privados e ocupam os espaços públicos no dia 23 de junho, momento em que festeiros e festeiras ocupam as ruas de Corumbá em direção à ladeira Cunha e Cruz para dar o banho do santo no rio Paraguai.

Essa perspectiva geracional pode ser compreendida pela longevidade dessa tradição. O primeiro registro histórico sobre o banho de São João nos leva para o final do século XIX. Em 1882, um jornal de Corumbá chamado "O Iniciador" publicou a seguinte notícia sobre a festividade: "*Diversas imagens de São João, apesar do cortante frio que reinou na noite de 23, foram levadas em procissão até o porto da cidade, em cujas águas sofreram o indefectível banho tradicional. Havia tantas procissões e andores do Santo quantos fossem os festeiros. Tratava-se de pessoas que cumpriam promessa. Todas as procissões acabavam se encontrando na ladeira central, de acesso ao porto e ao rio Paraguai*".

Segundo o historiador João Carlos de Souza (2004), esse é um dos primeiros registros que temos do Banho de São João. Chama atenção que, em 1882, o jornal já nominava o evento de "tradicional" e isso pode indicar que essa festividade em Corumbá é ainda mais antiga.

Isso pode ser correlacionado com outro importante registro que ocorreu nos anos de 1930, quando um viajante chamado Rezende Rubim passou por Corumbá e publicou um livro com as suas impressões sobre a cidade, dando destaque para o Banho de São João. Segundo Rubim, não havia diferenças sociais durante a descida da ladeira e o banho no rio, pois "*tanto pobres quanto ricos levam a sua imagem até o rio, desde a mais modesta até a mais suntuosa, recebem dos fieis as homenagens que têm direito*" (RUBIM, 1930, p. 28).

Nessa manifestação, o rio desempenha um papel fundamental, pois, na tradição popular, acredita-se (como ainda muitos grupos acreditam) que na passagem de 23 para 24 de junho as águas do rio Paraguai tornavam-se milagrosas, no mesmo momento em que as águas começavam a baixar. No Pantanal, o rio está sujeito ao ciclo das águas que coincide respectivamente com o solstício de verão (em dezembro, cheias) e de inverno (em junho, vazante), quando ocorre a festa do Santo. No passado, esses ciclos eram regulares ocorrendo a cada 6 meses. Apartir desses ciclos, advém a crença do povo de que do momento exato em que a imagem de São João era banhada, o rio Paraguai começava abaixar (MACÊDO, 1983).

Em Corumbá, essa simbologia do batizado ganhou força por conta das águas do rio Paraguai e é ainda mais forte por conta da coincidência dos fenômenos da natureza através do ciclo das águas, incorporada dentro da lógica pantaneira na qual a vazante do rio inicia um período de abundância e prosperidade com aumento das áreas de pastagem e depeixes.

Outra festeira de Corumbá é a senhora Reginalda Mendes Vera, responsável por um dos arraiais mais famosos da cidade, o *Arraiá da Concha*. Nessa comunidade, o banho do santo também remete à religiosidade cristã e representa o batismo de Cristo no rio Jordão, Nas palavras de Reginalda: *"O banho de São João é tradicional, muitas pessoas pensam que esse banho é apenas um banho, mas ele é muito importante, pois, a meia noite (do dia 23 para 24), para quem está na beira do rio Paraguai, aquelas águas se tornam milagrosas. Então, tenho para mim que quem acredita e que tem fé em São João sabe disso, e aquela água é tão sagrada que a gente leva uma garrafinha para trazer aquela água para casa"*.



Devota Reginalda Mendes Vera com o seu andor nas vésperas do São João



Dona Reginalda Mendes Vera banhando o Santo no rio Paraguai

Dentre as várias simbologias e sincretismos, o banho de São João foi adquirindo novos significados ao longo do tempo. Por exemplo, na tradição popular cristã, Santo Antônio é visto como o santo casamenteiro, mas, em Corumbá, é São João quem ganha essa função. Segundo D. Reginalda, não se sabe ao certo quando e por que São João se tornou um santo casamenteiro, mas, na simbologia popular, algumas pessoas, ao pedirem ao santo um casamento, foram atendidas e a partir daí criou-se a ideia de que ele poderia ser também casamenteiro.

Desde então, homens ou mulheres solteiras que querem ter seu pedido atendido precisam passar sete vezes debaixo do andor cantando *"Deus salve São João Batista sagrado, no ano que vem quero estar casado"*. Contudo, não é apenas para pedir casamento que os devotos passam por debaixo dos andores. Muitos devotos passam pedindo graças. Essa prática de fé e devoção acaba se misturando com rituais festivos e alegres. Assim, o banho de São João transcende um ritual cristão e se transforma em um momento de festividade, alegria e comemorações. Ao longo de todo festejo, encontramos muita música, danças e uma rica culinária.



Figura 6 - Alunos da Escola da Autoria Júlia Gonçalves Passarinho descendo a ladeira Cruz e Souza. Foto extraída do site da secretaria Estadual da Educação, 2022.

Nessa manifestação religiosa, encontramos também uma aproximação cultural resultante da interação na fronteira Brasil-Bolívia, onde Corumbá está localizada. Aqui, o limite internacional (que delimita os dois países) não inibe as intensas relações sociais e culturais, pois as tradições e costumes circulam livremente entre Corumbá (Brasil) e Puerto Quijarro (Bolívia). Durante as festividades do Banho de São João, a presença boliviana é constante e duas santas católicas de grande devoção para os bolivianos, a Virgem de Urkupiña (imagem ao lado) e a Virgem de Cotoca (ambas representando a Virgem Maria), acompanham o andor dos devotos bolivianos de São João, durante a descida da Ladeira Cunha e Cruz para o ritual do banho.



Apesar de ser uma manifestação religiosa advinda do catolicismo, o banho de São João de Corumbá incorpora outras religiosidades, como, por exemplo, da Umbanda e do Candomblé. Os rituais festivos e de devoção ao santo são realizados em diversos terreiros da cidade. São João Batista é considerado santo justiceiro, por isso a sua imagem é associada a Xangô.

Essa mistura de simbologias e crenças divide um espaço de harmonia, pois, independente da crença, o que prevalece é a fé de cada um. Nas palavras da festeira Reginalda Mendes Vera, “essa mistura é muito boa, porque cada um vai com a sua tradição, cada um tem a sua fé. Não importa se é de umbanda, candomblé ou católico, ali se reúne todos por um só motivo, a fé”.

O festeiro Pedro Paulo Miranda complementa afirmando que: “O São João tem esse sincretismo religioso. Ali junta à umbanda, o candomblé, o católico e o apostólico. Ele tem essa força de poder de aglutinar. São João sempre aglutina, ele não é de espalhar, ele é de aglutinar, São João tem esse poder. Na ladeira, quando a gente se encontra, os andores se

cumprimentam, é uma tradição. Quando um andor vai descendo a ladeira e outro vai subindo, ou mesmo nas ruas dos arredores, ao se encontrarem os andores se cumprimentam, agachando três vezes. Quando isso acontece, as pessoas explodem de alegria. É uma emoção renovada toda vez que a gente desce em procissão, desce a ladeira e sobe a ladeira. No nosso caso, não é um trajeto curto, pois nós moramos numa comunidade bem afastada do rio Paraguai. Mas a gente vem, sempre participa. Você acha força, vem na raça, sobe e desce a ladeira, volta pra casa e continua a festa madrugada fora”.



Figura 7 - Encontro de andores e respectiva saudação (ato de agachar).
Foto extraída do site da Secretaria Estadual da Educação, 2022.

Para que essa tradição e manifestação cultural não se perca e continue por muitos anos, é fundamental que a salvaguarda do Banho de São João se inicie nas escolas, que os estudantes e as estudantes aprendam, desde cedo, a sua importância histórica, cultural, religiosa e econômica dessa tradição, pois cabe aos jovens de hoje perpetuar nossa cultura e identidade no futuro.



Figura 8 - Alunos da Escola da Autoria Júlia Gonçalves Passarinho descendo a ladeira Cruz e Souza para banhar o santo no rio Paraguai.



Figura 9 - Alunos da Escola da Autoria Júlia Gonçalves Passarinho descendo a ladeira Cruz e Souza para banhar o santo no rio Paraguai. Foto extraída do site da secretaria Estadual da Educação/ MS



Figura 10 - Alunos da Escola da Autoria Júlia Gonçalves Passarinho descendo a ladeira Cruz e Souza para banhar o santo no rio Paraguai. Foto extraída do site da secretaria Estadual da Educação/ MS

*São João já vai embora,
para esse mundo além.
Ele vai, mas ele volta,
para o ano que vem!
Ele vai, mas ele volta,
para o ano que vem!³*

³ Música entoada após o banho de São João, quando os festeiros e as festeiras estão indo embora, subindo a Ladeira Cunha e Cruz.

Agradecimentos

Agradecemos, inicialmente, a todos os festeiros e todas as festeiras de Corumbá, que através da sua fé e devoção, mantém viva essa tradição que se perpetua na história de Corumbá. Em especial, agradecemos à festeira Reginalda Mendes Vera e ao festeiro Pedro Paulo Miranda, que dispuseram do seu tempo para conceder uma entrevista para essa pesquisa.

Agradecemos à Fundect, pela concessão das bolsas que permitiu realizar essa pesquisa e disseminar a cultura científica entre os discentes de ensino médio.

Agradecemos ao Neisf pelo apoio nessa jornada e colaboração para o endossamento da pesquisa.

Por fim, agradecemos à Escola da Autoria Júlia Gonçalves Passarinho (JGP) que a todo tempo incentivou a realização e a divulgação dessa pesquisa.

Referências

BANDUCCI JÚNIOR, A. A natureza do pantaneiro: relações sociais e representação de mundo no Pantanal da Nhecolândia. Campo Grande/MS: Editora UFMS, 2007.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. Dossiê de Registro Banho de São João de Corumbá/Ladário — MS: subsídios para registro como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro. Campo Grande, 2019.

MACÊDO, J. L. Sopa Paraguaia (Miscelânea): regionalismo de J. L. Macedo, poeta ladarense. Academia Corumbaense de Letras, 1983.

OLIVEIRA, M. A. M.; JUNQUEIRA, N. M. Representações sociais de sírios e libaneses em Corumbá/MS: comércio, casamento e cemitério. Revista Transporte y Territorio. Buenos Aires, v. 12, n. 15, p. 388-403, 2016.

QUEIROZ, P. R. C. Revisitando um velho modelo: contribuições para um debate ainda atual sobre a história econômica de Mato Grosso/Mato Grosso do Sul. Intermeio. Campo Grande, v. 14, n. 27, p. 128-156, 2008.

RUBIM, R. Reservas da brasilidade. São Paulo: Nacional, 1939.

SENA, D. M. O cotidiano de um estrangeiro em um lugar cosmopolita: Corumbá 1870-1888. Revista de História. João Pessoa, v. 2, n. 27, p. 77-93, 2012.

SOUZA, J. C. O caráter religioso e profano das festas populares: Corumbá, passagem do século XIX para o XX. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 24, n. 48, p. 331-351, 2004.

VEIGA, E. Quem foi São João, o profeta que teria batizado Jesus. In: BBC News Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-61908026> Acesso em: 5 jun. 2023